

Quem é o Papa Francisco?

13 de Março, 2013 - 22:41h

Jorge Mario Bergoglio é o primeiro papa latino-americano e o primeiro jesuíta. "Os conservadores argentinos sonham com um papa próprio", artigo de Oscar Guisoni, foi publicado no mês passado na Carta Maior e fala do impacto da eventual escolha de Bergoglio na igreja argentina, hoje acusada de cumplicidade com a ditadura.

Quando João Paulo II morreu, todos nos iludimos com a possibilidade de que o nosso cardeal Bergoglio assumisse como papa. Mas não aconteceu. Oxalá seja desta?, exclama sem ruborizar uma conhecida jornalista local numa das tantas transmissões improvisadas da televisão argentina surpreendida, como o resto do mundo, com a renúncia de Bento XVI. Deus não o permita?, responde o colunista Fernando D'Addario, no Página/12.

Como ocorreu em 2005, quando foi eleito o Papa Joseph Ratzinger, os conservadores e ultramontanos argentinos voltam a iludir-se com a possibilidade de colocar o seu homem no Vaticano: o cardeal Jorge Bergoglio. Mas o papel desempenhado pela Igreja argentina e pelo citado cardeal em particular durante a última ditadura militar (1976-1983) torna quase impossível que o Vaticano opte por habilitar com a fumaça branca um personagem com semelhante currículo. Salvo que assim como nos anos 80 escolheram Karol Wojtyla para canalizar religiosamente a luta do povo polaco (isto é, a do mundo ocidental e cristão) contra o totalitarismo soviético?, sustenta D'Addario com acidez, agora escolham um papa argentino para salvar-nos do populismo gay e favorável ao aborto que se expande como uma peste por estes pampas?.

A polémica, que em apenas algumas horas voltou a impregnar grande parte da imprensa argentina, trouxe à tona de novo a triste memória do papel desempenhado pela Igreja local durante a última ditadura militar e suas implicações no presente. Assim, enquanto o setor mais conservador e católico da classe média local volta a sonhar em ter o seu próprio Papa, os organismos de Direitos Humanos e as associações que agrupam os familiares dos 30 mil detidos desaparecidos na última ditadora recordam que a Igreja não só colocou uma venda nos olhos diante da matança organizada pelo Estado, como se fez de distraída inclusive frente ao assassinato dos seus próprios sacerdotes, comprometidos com a opção pelos pobres? e com a Teologia da Libertação que havia iluminado o Concílio Vaticano II.

Uma prova da atualidade da polémica é a recente decisão judicial do tribunal que julgou na província de La Rioja o assassinato dos padres Carlos de Dios Murias e Gabriel Longueville, ligados ao também assassinado bispo Enrique Angelelli, uma das figuras emblemáticas da Igreja comprometida? dos anos setenta na Argentina. Nesta sentença inédita anunciada na semana passada fala-se pela primeira vez da cumplicidade? da Igreja Católica local com os crimes cometidos pelos militares, ao mesmo tempo em que se assinala a indiferença? e a

?convivência da hierarquia eclesiástica com o aparelho repressivo? dirigido contra os sacerdotes terceiro-mundistas. Chama a atenção, diz ainda a sentença, que ?ainda hoje persiste uma atitude de resistência por parte de autoridades eclesiásticas e de membros do clero ao esclarecimento dos crimes?.

Como ocorreu em 2005, enquanto por trás dos muros do Vaticano se escolhia o sucessor de João Paulo II, a discussão pública leva os argentinos a olhar para a sua própria Igreja no espelho que mais os envergonha: do outro lado da Cordilheira, a Igreja Católica tem outra cara para mostrar, já que a sua atitude frente à ditadura de Augusto Pinochet foi exatamente oposta à adotada pela hierarquia argentina. A polémica transcende rapidamente o âmbito religioso e instala-se no cenário político cada vez mais radicalizado, que encontra os partidários da política de Direitos Humanos promovida pelo governo kirchnerista no caminho oposto ao dos conservadores que desejam encerrar os julgamentos contra os responsáveis pelos crimes contra a humanidade executados pela ditadura antes que os processos comecem a bater às portas dos cúmplices civis do regime, o que já começou a acontecer.

Enquanto isso, o candidato em questão, o atual arcebispo de Buenos Aires, Jorge Bergoglio, sonha em alcançar um papado impossível. Nascido em 1936 e presidente da Conferência Episcopal durante dois períodos (cargo que abandonou recentemente por doenças da idade), é difícil que o Vaticano se arrisque a colocar no trono de Pedro um homem citado em vários processos judiciais pela sua cumplicidade com a ditadura e que conseguiu evitar o seu próprio julgamento através de influências e argúcias de advogados. Nada disso impede, porém, os ultramontanos argentinos de sonhar com a possibilidade de ter um Papa em Roma que os ajude a acabar de uma vez por todas com um governo que consideram o pior inimigo da Igreja Católica desde que o presidente Juan Domingo Perón enfrentou-se de forma virulenta (incluindo a queima de algumas igrejas) com a hierarquia católica no final de seu governo em 1955.

Publicado na Carta Maior ^[1]. Tradução: Katarina Peixoto

Artigos relacionados:

Vatileaks: uma máquina do tempo que expôs práticas antigas do Vaticano ^[2]A história secreta da renúncia de Bento XVI ^[3]

Sobre o/a autor(a):

- Biblioteca
- Agenda
- Jornal Esquerda
- Blogosfera
- Comunidade
- Revista Vírus
- Wikifugas
- Ficha Técnica

URL de origem: <http://www.esquerda.net/artigo/quem-%C3%A9-o-papa-francisco/27069>

Ligações:

[1] <http://www.cartamaior.com.br/>

[2] <http://www.esquerda.net/artigo/vatileaks-uma-m%C3%A1quina-do-tempo-que-exp%C3%B4s>

pr%C3%A1ticas-antigas-do-vaticano/27062

[3] <http://www.esquerda.net/artigo/hist%C3%B3ria-secreta-da-ren%C3%Aancia-de-bento-xvi/26722>